

REFLEXÃO CRÍTICA DA INTERDISCIPLINARIDADE PRESENTE NA OLIMPIÁDA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL – ONHB: APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DE ALUNOS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SÓCIO-ECONÔMICA

*Kássio de Souza Ferreira Estanislau **

Bacharel em Direito pela UNIG. Especialista em Antropologia Brasileira pela UCAM. Especialista em Ciência Política pela UCAM. Pós-graduando em Filosofia e Autoconhecimento pela PUC-RS. Mestrando em Sociologia Política pela UENF. kassioestanislau@hotmail.com

*Ricardo de Araujo Rodrigues**

Licenciado em História pela Faculdade de Tecnologia e Ciências de Salvador. Especialista em História do Brasil pela UCAM. Especialista em Gestão Pública pela UNIVASF. Especialista em Educação, Pobreza e Desigualdade Social pela UFPE. ricardo-rodrigues@hotmail.com

11

RESUMO O uso cada vez mais constante de textos em diferentes suportes encontrados nas avaliações da Olimpíada Nacional em História do Brasil-ONHB contribui para uma discussão de objetos do conhecimento e/ou eixos relevantes às aulas das diversas disciplinas. Nesse sentido, a problemática em questão buscará saber: como acontece o uso de documentos históricos, imagens, mapas, textos acadêmicos, pesquisas inéditas e debates historiográficos na Olimpíada Nacional em História do Brasil? Observando também como essas fontes estão sendo trabalhadas em sala de aula pelos professores, possibilitando questões interdisciplinares (geografia, literatura, arqueologia, urbanismo e atualidades), impactando positivamente na leitura, compreensão e escrita do alunado. Por essa razão, o tema do estudo faz referência à interdisciplinaridade presente na ONHB como proposta inovadora de fomento à aprendizagem nos Anos Finais do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; Olimpíada Nacional em História do Brasil; Aprendizagem.

ABSTRACT The increasingly constant use of texts in different media found in the evaluations of the National Olympiad in History of Brazil-ONHB contributes to a discussion of knowledge objects and / or axes relevant to the classes of the various disciplines. In this sense, the issue in question will seek to know: how does the use of historical documents, images, maps, academic texts, unpublished researches and historiographic debates take place at the National Olympiad in Brazilian History? Also observing how these sources are being worked on in the classroom by teachers, enabling interdisciplinary issues (geography, literature, archeology, urbanism and current events), positively impacting the reading, understanding and writing of students. For this reason, the subject of the study refers to the interdisciplinarity present at ONHB as an innovative proposal to promote learning in the Final Years of Elementary School.

Keywords: Interdisciplinarity; National Olympiad in Brazilian History; Learning.

Considerações Iniciais

As olimpíadas do conhecimento conquistam espaço na educação brasileira, como se evidencia, inclusive, História do Brasil, de forma trabalhar com alunos e professores a serem pesquisadores. Nessa perspectiva, é pertinente evidenciar o que afirma Barros (2019):

A linguagem da História é múltipla e híbrida, de fato traz singularidades adicionais, não encontráveis em nenhum outro saber. São visíveis aos desdobramentos da ideia que a História, além de ser um saber científico, produz como objeto final um texto literário, e mesmo artístico.

Portanto, através do tema proposto almeja-se contribuir para um estudo mais criterioso no que concerne a análise de documentos em diferentes suportes encontrados nas avaliações da ONHB, e na prática realizada com esses recursos em sala de aula. Recursos didáticos que valorizem os estudantes pobres e suas famílias e comunidades, sendo contra a visão moralista ou instituição que apenas espera, pela assistência de programas sociais.

A própria maneira de refletir a interdisciplinaridade como questão educacional e moral, não é incumbência, apenas da sociedade, mídia e dos programas governamentais, é papel também da escola, romper com a cultura pedagógica moralizante, que garante conhecimentos às ciências e às tecnologias, não à exploração simplesmente os conselhos morais de esforços, trabalho, dedicação e disciplina. Os esforços da comunidade escolar devem contribuir para aprendizagem que liberta o estudante de ciclos viciosos na aprendizagem.

Ao considerar o processo educacional de importância fundamental na formação efetiva do ser humano, durante todo o fazer pedagógico, é preciso entender o que mudou e o que precisa mudar. A perspectiva é que a ideia de um Projeto Político Pedagógico voltado à interdisciplinaridade presente na ONHB está em processo de discussão e elaboração a partir de vários momentos de reuniões e reflexões com os diferentes segmentos envolvidos no trabalho educacional, refletindo a cerca das possíveis maneiras de viabilizar mudanças positivas e qualitativas, não só no que diz respeito ao crescimento intelectual através de uma olimpíada, mas também no sentido de viabilizar alunos em condições de extrema pobreza e vulnerabilidade social.

Refletir juntamente com alunos e professores sobre as seguintes questões: Por que a pedagogia e a docência resistem a dar a centralidade devida às bases materiais do viver, do pensar, do ser sujeito intelectual e moral? De que formas a escola poderia distanciar-se

do papel moralizador dos pobres e operar no enfrentamento das consequências da pobreza no desenvolvimento intelectual dos pobres? Neste sentido frisa-se neste artigo que, a cultura social persiste em responsabilizar a pobreza e o desemprego aos cidadãos pobres, visto que, os referidos sujeitos não são capazes, preguiçosos, sem criatividade para enfrentar os gargalos socioeconômicos.

É imprescindível romper com as concepções de educação corretivas e moralizantes, pois é notório que até mesmo as políticas públicas e os programas sociais educativos, muitas vezes são carregados de intenções corretivas e moralizadoras. Nota-se por outro lado que a escola deve refletir e discutir com a comunidade escolar, a importância dos pobres, como sujeitos históricos capazes de construir conhecimentos e aplicá-los no cotidiano e mercado de trabalho, rompendo com um currículo moralista, combatendo a imagem projetada pela mídia de pobres sem valores, pobreza associada à violência e a crimes.

Representações negativas, atribuindo a escola uma intervenção pedagógica para solucionar os problemas, produzidos num contexto social, político e econômico, distante da realidade escolar. Portanto é imprescindível que o espaço educativo fomente discussões, proposições e implementações de planos, currículos, formações e recursos didáticos que valorizem os estudantes pobres e suas famílias e comunidades, sendo contra a visão moralista ou instituição que apenas espera, pela assistência de programas sociais.

A própria maneira de refletir a pobreza como questão moral, não é incumbência, apenas da sociedade, mídia e dos programas governamentais, é papel também da escola, romper com a cultura pedagógica moralizante, garantindo conhecimentos às ciências e às tecnologias, não explorando simplesmente os conselhos morais de esforços, trabalho, dedicação e disciplina. Os esforços da comunidade escolar devem contribuir para aprendizagem que liberte o estudante do ciclo vicioso da pobreza.

Partindo do que afirma SANTO MÉ (1995), “Estudos têm mostrado práticas em sala de aula que transmitem sentimentos de inferioridade e discriminação a minorias étnicas, membros de diferentes religiões, estudantes oriundos de diferentes culturas”. Instiguei com o seguinte questionamento: As propostas pedagógicas implementadas no espaço escolar, incentivamos professores a romperem com a visão moralista em relação à pobreza e desigualdade social?

1. Interdisciplinaridade

Cabe frisar, que uma atividade interdisciplinar presume antes de tudo uma ação de vê-se interdisciplinar, tendo cuidado na escolha das rotas, e revisando os aspectos trabalhados pelo professor, tendo em vista a construção de uma didática transformadora, promovendo trocas, fomentando o autoconhecimento acerca da prática de cada um. Nesse caso, cabe sublinhar o que Fazenda (2008) ressalta de acordo com:

Germain(1991) e Petrie(1992), o conceito de interdisciplinaridade tem seu sentido em um contexto disciplinar: a interdisciplinaridade “ pressupõe a existência de ao menos duas disciplinas como referência e a presença de uma ação recíproca”(Germain 1991, pag.143). O termo em si mesmo “interdisciplinaridade” significa a exigência dessa relação. É assim tratado, por exemplo, por Berger (1972), Smirnov (1983), D'Hainaut (1986), ou, mais recentemente, Nissani (1996). Todos reconhecem – e as definições que dão de interdisciplinaridade legitimam esse reconhecimento – a necessidade de interação.

É preciso também identificar as contribuições, e as implicações teórico-práticas no trabalho interdisciplinar do professor de História, através da interação e novas oportunidades de ensino e a ONHB.

2. Olimpíada Nacional em História do Brasil-ONHB como forma de desenvolvimento educacional para alunos em situação de vulnerabilidade sócio-econômica.

Um projeto interdisciplinar se identifica pela ousadia da busca, da pesquisa, da mudança tendo como caminho permanente o pensar, o questionar e o construir. Conforme observamos no sítio da ONHB, a Olimpíada Nacional em História do Brasil é um projeto de extensão da Universidade Estadual de Campinas. A Prova da ONHB é composta pela análise de documentos em diferentes suportes.

Meneguello (2011, p.7), organizadora e uma das idealizadoras da competição, elabora a ONHB como um programa de estudos progressivos em História, através da interdisciplinaridade com fontes históricas primárias e bibliográficas por meio virtual, além de um triplo sistema avaliativo, sendo a principal as questões objetivas de múltipla escolha:

As alternativas contemplavam o erro e diferentes níveis de acerto, que iam da leitura mais imediata (compreensão do enunciado), para uma informação histórica mais contextualizada trazida pela equipe (informações históricas), até a alternativa que permitia, além dos passos anteriores (leitura e informação) uma certa extrapolação, ou a compreensão de conceitos e processos históricos. [...]

Faz-se necessário disponibilizar novos suportes, e utilizá-los de diversas maneiras na sala de aula, através de tecnologias e recursos digitais e a orientação do professor no processo de ensino aprendizagem nos anos finais do ensino fundamental, oportunizando o acesso as questões interdisciplinares que envolvam leitura, interpretação e escrita.

Em relação à pobreza e currículo: uma complexa articulação faz-se necessário refletir sobre a condição de professores (as) e gestores (as) da educação, envolvidos com o Programa Bolsa Família, questionando o mero monitoramento da frequência escolar. Tendo em vista, que essa atividade, não pode ser restrita à simples inserção de dados de frequência, levando-se em consideração o conhecimento sobre as vivências concretas dos estudantes.

Nota-se por outro lado também como afirma (PERLMAN, 2010) o simples aumento da escolarização não necessariamente significa uma redução da desigualdade, embora seja capaz de majorar a renda, boa parte da explicação para o fenômeno está no preconceito social que assola o morador da favela, constantemente associado à criminalidade; além disso, apesar do aumento substancial da escolaridade, a estrutura econômica continua reservando os empregos mais precários – quando não o desemprego – para boa parte dessas populações.

Os currículos limitam-se em manter os pobres desde crianças na escola infantil, em um permanente exercício de cobrança de percursos exitosos que levam a processos de avaliação rigorosos, segregando e reprovando. Além disso, levam as escolas a cumprir o papel de reprovar massivamente os pobres por, supostamente, “não terem cabeça para as letras”, por problemas mentais de aprendizagem, ou ainda por não incorporarem os valores de trabalho, estudo, sucesso e persistência necessários para entrar no progresso e saírem do círculo da pobreza. Essa visão moralizante da pobreza é incorporada pela cultura escolar, criando o ambiente em que socializa a infância-adolescência pobre.

Nas concepções, não há espaço para a diversidade de realidades vividas por crianças e jovens, que em muito conformam suas identidades. Por isso, como bem ressaltam Dayrell (2003), Sarmiento (2003) e Abramo (2005), deve-se falar de infâncias e juventudes no plural para não esquecermos as diferenças e as desigualdades que perpassam as suas condições de vida. Assim, a questão que se coloca não é apenas sobre a possibilidade ou

impossibilidade de viver a infância ou a juventude, mas sobre os diferentes modos como tais fases podem ser vividas.

Nessa perspectiva, a infância e a juventude constituem um grupo social diverso, no qual estão presentes diversas condições tais como a classe, a etnia, o gênero, entre outras, o que implica compreendê-los nas suas diferenças e apreendê-los como indivíduos que têm uma história, que vivenciam diferentes experiências, que são de diferentes origens sociais, com desejos e comportamentos diversos.

Considerando o processo educacional de importância fundamental na formação efetiva do ser humano, durante todo o fazer pedagógico, é preciso entender o que mudou e o que precisa mudar.

A pobreza torna-se constante quando políticas não são implementadas para o enfrentamento das desigualdades sociais, sendo imprescindíveis programas sociais de capacitação profissional e uma educação que fomente qualidade de vida. Neste sentido quando a educação de qualidade fica restrita as elites, os pobres aprendem apenas técnicas básicas para desenvolver trabalhos com baixo nível de especialização, tornando a pobreza mais agravante, dificultando a acessão social dos mais pobres. Por isso, fazem-se necessárias políticas exitosas através de medidas através das capacidades reais geradas.

Por outro lado, o programa social Bolsa Família ameniza situações de extrema pobreza, retirando cidadãos de situações de condições humilhantes por meio de uma renda mínima. Portanto, como já discutido no fórum, é pertinente salientar também que à medida que as pessoas se tornem mais autônomas, seja por possuírem uma renda monetária, seja por ter autonomia nas tomadas de decisões sobre sua vida, elas garantem espaços de liberdade pessoal mínima: como a escolha do que comer e vestir, o que a caridade privada ou a doação de cestas básicas pelos poderes públicos não são capazes de proporcionar, iniciando uma nova perspectiva com dignidade em suas vidas.

Nota-se por outro lado também como afirma (PERLMAN, 2010) o simples aumento da escolarização não necessariamente significa uma redução da desigualdade, embora seja capaz de majorar a renda, boa parte da explicação para o fenômeno está no preconceito social que assola o morador da favela, constantemente associado à criminalidade; além disso, apesar do aumento substancial da escolaridade, a estrutura econômica continua reservando os empregos mais precários – quando não o desemprego – para boa parte dessas populações.

3. Análise crítica sobre interdisciplinaridade presente na Olimpíada Nacional em História do Brasil – ONHB nos anos finais do ensino fundamental numa escola municipal de Afrânio, interior do estado de Pernambuco.

Em relação às práticas interdisciplinares, na Escola Municipal Aureliano Francisco Neto, localizada no Distrito de Extrema, Afrânio-PE, pode-se evidenciar que os professores de História orientaram alunos do 8º e 9º anos na 9ª edição da ONHB com as equipes, os Operários da História, e os Sertanistas da História que concluiu a fase 2. E na 11ª edição da ONHB com as equipes Garotas Historiadoras, Imperadores da Aureliano, Olímpicos da Aureliano e os Revolucionários da Aureliano que concluíram a fase 1.

Nessa direção, foi implementada nas turmas dos 8º e 9º Anos do Ensino Fundamental da referida escola, uma didática inovadora nas aulas de História, promovendo um trabalho coletivo, e o desenvolvimento da análise crítica por meio de textos de caráter multifacetado, debate, pesquisa em diferentes tecnologias e recursos digitais (Site da ONHB, multimeios, livros) e a orientação do professor no processo de ensino aprendizagem.

Nessa perspectiva, aprender e desenvolver a História através de uma olimpíada não é somente acumular um conjunto de fatos e processos. O aprendizado histórico abrange apropriar-se de aspectos interdisciplinares com o fazer histórico, entre os quais a compreensão de conceitos do tempo, a identificação das evidências que se relacionam com os assuntos e de que estas “são incompletas e limitadas, como são limitadas e provisórias as explicações históricas” (SILVA; ROSATO, 2003 p.73). Dessa forma, ensinar História não se limita a ensinar conceitos históricos elaborados pelos historiadores e instituídos em uma lista de conteúdos previamente definidos, vai muito além de questões pragmáticas.

O presente estudo foi de caráter exploratório e descritivo dando destaque à abordagem qualitativa, buscando analisar as avaliações propostas pelo ONHB nas últimas edições (entre 2017 e 2019) verificando assim, o processo didático, e o caráter multifacetado dos textos encontrados nesta olimpíada do conhecimento.

Entretanto, para organização do trabalho foi executado um estudo bibliográfico almejando uma fundamentação teórica plausível quanto às questões em análise, explorando os materiais que abordam a interdisciplinaridade, compreendendo como as diversas fontes textuais da ONHB podem auxiliar na compreensão de diferentes conteúdos em turmas dos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental;

Além da análise das avaliações, e do estudo bibliográfico, foi desenvolvida uma pesquisa de campo, tendo como sujeitos os alunos (as) e professores das turmas dos 8º e 9º Anos do Ensino Fundamental da supracitada escola.

Nessa conjuntura foi realizada também uma comparação dos conteúdos abordados pelos livros didáticos de História dos 8º e 9º anos e a as questões da ONHB, identificando quais são as contribuições e implicações teórico-práticas no trabalho interdisciplinar do professor de História, com intuito de identificar as competências e habilidades implementadas nos diferentes textos das avaliações da ONHB em consonância com a Base Nacional Comum Curricular-BNCC.

Considerações Finais

Escola: espaços e tempos de reprodução e resistências da pobreza. É importante ressaltar que nesse módulo, ao se pensar as idades da vida, as relações entre as dimensões históricas, culturais, sociais e biológicas e o que profere em seu discurso a escritora nigeriana Chimamanda Adichie intitulado “O perigo de uma história única” é notório que se há características universais, dadas pelas transformações biológicas que acontecem numa determinada fase, é muito diversificada a forma como cada sociedade – e no seu interior, cada grupo social – em um momento histórico determinado, representa e convive com essas transformações.

Neste sentido, é possível identificar duas imagens amplamente generalizadas em nossa sociedade: as homogeneizadoras, que assumem que crianças e jovens têm características, valores, desejos, necessidades e condições de vida iguais e, portanto, tornam os homogêneos; e as estigmatizadoras, que consideram naturais determinados estigmas sobre as crianças e os (as) jovens.

O que refere à questão da vivência das propostas pedagógicas por parte dos professores é bem verdade que as mesmas precisam ser repensadas e reestruturadas de forma a atender de maneira digna, justa e não discriminatória, a pessoa que vive na pobreza, tendo em vista que não só as propostas estão carregadas dessa visão moralista, mas o próprio ambiente escolar, a sociedade, bem como seu entorno também.

O presente estudo também observou o uso das diferentes tecnologias e recursos digitais e a orientação do professor no processo de ensino aprendizagem, identificando as competências e habilidades nos diferentes textos das avaliações da ONHB em consonância

com a Base Nacional Comum Curricular-BNCC, visando compreender como as diversas fontes textuais da ONHB podem auxiliar na compreensão crítica de diferentes objetos do conhecimento e componentes curriculares.

Referências Bibliográficas

19

BARROS, José D'Assunção. Interdisciplinaridade na História e em outros campos do saber. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BRASIL Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017.

Dayrell, J. (2003). O jovem como sujeito social. Revista Brasileira de Educação, (24), 40-52.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (org.). Didática e interdisciplinaridade. Campinas: Papirus, 2012.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa. Campinas: Papirus Editora, 2008.

MENEGUELLO, Cristina; Olimpíada Nacional em História do Brasil – uma aventura intelectual? 2011. Disponível em: www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=11915.

ONHB. Disponível em: <https://www.olimpiadadehistoria.com.br/paginas/onhb11/home>; Acesso em: 10 set. 2019.

PERLMAN, Janice. Favela: four decades of living on the edge in Rio de Janeiro. Nova York: Oxford University Press, 2010.

SARMENTO, Manuel; VEIGA, Fátima. (Org.). A pobreza infantil: realidades, desafios, propostas. Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2010.